

## **CABELO, CANDOMBLÉ E RESISTÊNCIA: PRECEITO RELIGIOSO NO COTIDIANO ESCOLAR**

Renato Alves de Carvalho Junior

*UERJ/PROPED – renatohistoriauff@gmail.com*

### **Resumo**

Essa pesquisa de mestrado ainda em curso, partindo das premissas dos estudos nos/dos/com os cotidianos, redes educativas e processos culturais, tem o objetivo de observar um grupo de crianças iniciadas no candomblé a partir de suas vivências na Escola Municipal Renato Leite, localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A partir de suas experiências o presente trabalho pretende compreender, especialmente, as dificuldades e desafios de cumprimento dos preceitos religiosos em consonância com as atividades escolares. Considerando o racismo religioso presente nesses ambientes, como retornar à escola com a cabeça raspada após a iniciação? Quais os efeitos, sociais e litúrgicos, provocados pela queda e posterior crescimento dos cabelos no contexto do rito iniciático? Como a escola se relaciona com as crianças de candomblé?

**Palavras-chave: Candomblé, Racismo, Cabelo, Crianças de Terreiro.**

“Na Nigéria, vejo muitas meninas na escola serem extremamente humilhadas por não estarem com o cabelo ‘bem ajeitado’, só porque um pouco do cabelo que Deus lhes deu fica enrolado em lindos cachinhos crespos nas laterais da cabeça. Deixe o cabelo de Chizalum solto – em grandes tranças, embutidas ou não, e não use pentes finos que não foram feitos pensando em cabelos como os nossos”

**Chimamanda Ngozi Adichie**

### **Introdução**

A realidade apontada pela autora na epígrafe não é exclusividade das escolas nigerianas. No Brasil de hoje a manutenção do racismo, sobretudo no ambiente escolar, ocorre principalmente a partir da afirmação de estereótipos pejorativos relacionados à negritude. Ao escrever acerca da identidade negra a partir do cabelo crespo, Nilma Lino Gomes<sup>1</sup> enfatiza que a escola é o primeiro local de rejeição ao corpo negro. Rejeição essa, que por sua vez, está intimamente relacionada ao

---

<sup>1</sup> “Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”, disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>

cabelo e suas associações com a sujeira, o desleixo e a má aparência. O aspecto mais evidente da negritude é o cabelo e acaba funcionando com um termômetro social em relação ao racismo. Palavras como “ruim”, “bombril” e “pixaim” são constantemente associadas ao cabelo crespo, estereotipando-o.

Contudo, é importante ressaltar que desde o contexto da diáspora africana o corpo negro se torna elemento central para o processo de resistência ao cativo. Como nos mostra Márcio de Jagun sobre o orixá Èṣù<sup>2</sup>:

“**Bara** – s. designação do Òrìṣà Èṣù que todo ser humano possui. É o Èṣù que habita em nós. Possivelmente o nome decorre da fusão dos vocábulos *ba* (v. esconder) + *ara* (s. corpo); ou *ba* (prep. com, em companhia de) + *ara* (s. corpo). Bara é a energia inata, a própria essência dos Seres Humanos.” (Jagun, 2017)<sup>3</sup>

O fragmento acima revela-nos um pouco da concepção de mundo de muitos dos nossos ancestrais africanos. Toda a violência da captura, as incertezas da travessia à bordo dos tumbeiros e as atrocidades do cativo foram superadas a partir da crença de que suas divindades, literalmente, habitavam seus corpos.

Essa mesma matéria humana violada pela fome, pelo estupro e pela chibata era a mesma que se reerguia e se curava através dos banhos de ervas, dos rituais de fechamento do corpo e dos processos de iniciação de que a transformavam em altar vivo dos deuses. Cuidar do corpo, portanto, era resistência e existência, era cuidar das próprias divindades. Tal conjuntura foi imprescindível para a formação do candomblé como uma religião brasileira de matriz africana.

### **Encrespando com o preconceito e trançando a resistência a partir da fé.**

---

<sup>2</sup>Divindade do panteão afro-brasileiro regente dos mercados, relacionada a comunicação e sexualidade. Erroneamente associado ao Diabo cristão.

<sup>3</sup> JAGUN, Márcio de. Yorubá: vocabulário temático do candomblé/pp. 595; 1 ed. – Rio de Janeiro : Litteris, 2017.

1 – *Ìbà o o o ò ò ò*

2 – *Mo júbá okó dorí kodò ti ò ro*

3 – *Mo júbá èlè to dorí kodò ti ò sàṅ*

4 – *Mo júbá peḗbẹ ọwọ́*

5 – *Mo júbá peḗbẹ ẹsẹ*

6 – *Mo júbá àtélèsè ti ò burun to fí dé jogbolo itan*

1 – Saudações!

2 – Eu saúdo o pênis que pende para baixo sem pingar

3 – Eu saúdo a vagina que se abre para baixo sem fluir

4 – Eu saúdo a palma das mãos

5 – Eu saúdo a sola dos pés

6 – Eu saúdo a perna lisa desde a sola do pé até a grossura da coxa

Nos versos acima percebemos a importância de cada parte corpo para o funcionamento harmonioso da matéria humana no seu sentido mais amplo. Desde os pés e as pernas que permitem pisarmos no mesmo solo antes pisado pelos ancestrais e garantem a caminhada pela vida, passando pelo pênis e a vagina que, quando encaixados, permitem o prazer e a concepção, imprescindíveis à manutenção da existência, e pelos braços e mãos garantidores da força e responsáveis pela construção, manipulação dos objetos e manuseio da vida, até chegar a cabeça.

Orí, cabeça em ioruba, é a parte mais importante do corpo e por esta razão possui um culto específico sendo vista também como uma divindade. Por ser, geralmente, a primeira parte que vem ao mundo no ato do nascimento é considerada como “mais velha” em relação ao restante do corpo. A cabeça, além de receptáculo das oferendas (cabeça física - Orí Òde)<sup>4</sup>, é detentora de toda a memória ancestral (Ìpòrì<sup>5</sup> registrada na cabeça espiritual – Orí Inú<sup>6</sup>) e por isso deve ser cuidada e protegida.

Por estas razões, a cabeça precisa ser raspada cuidadosamente para que receba as oferendas e possibilite a conexão com a ancestralidade. Nesse contexto, nos momentos posteriores a iniciação podemos observar o crescimento do cabelo do iniciado na mesma medida em que vai recobrando suas atividades cotidianas, como, no caso de nossas crianças, retornar à escola. A partir desse retorno ao ambiente escolar é que a pesquisa pretende se desenvolver e avançar no que diz respeito ao cotidiano das crianças de terreiro observadas nesse campo.

---

<sup>4</sup> JAGUN, Márcio de. Ori: a cabeça como divindade. Pp.37/pp. 41 – 1 ed. – Rio de Janeiro : Litteris, 2015

<sup>5</sup> JAGUN, Márcio de. Ori: a cabeça como divindade. Pp.37/pp. 41 – 1 ed. – Rio de Janeiro : Litteris, 2015

<sup>6</sup> JAGUN, Márcio de. Ori: a cabeça como divindade. Pp.37/pp. 41 – 1 ed. – Rio de Janeiro : Litteris, 2015

O aluno L, por exemplo, no ano de sua iniciação parou de frequentar o colégio. Até o momento da escrita desse texto trabalhamos com a hipótese de que essa decisão foi motivada pelo rígido preceito típico desse momento da vida religiosa e a dificuldade de cumpri-lo em consonância com as regras estabelecidas pela escola. Sobre os interditos do período posterior ao recolhimento e sobre a raspagem nosso informante suscita outra questão a partir de sua fala: *“Para mim foi normal. Eu sou homem e sempre corto o cabelo”*. A fala de L dialoga intensamente com a epígrafe e possibilita outras reflexões: Será que para a aluna S, iniciada há poucos meses e que retornou para a escola ainda com os cabelos bastante curtos, esse também é um ponto pacífico? De que maneira a aluna S se relaciona com colegas e professores estando careca e de preceito?

### **Alguns pensamentos à guisa do aprofundamento da pesquisa**

A escola pública é um ambiente extremamente hostil para as crianças e jovens de terreiro, como já vem sendo denunciado pela pesquisadora Stela Caputo há mais de 20 anos<sup>7</sup>. A situação se torna ainda mais grave a partir do modelo de Ensino Religioso Confessional que impera no Rio de Janeiro. As inúmeras crianças que fizeram parte da pesquisa percebiam desde cedo que eram discriminadas por serem negras e do candomblé. Até mesmo as crianças não negras sofriam discriminação por serem de uma religião que é estigmatizada como “de negro”, de forma depreciativa.

Dessa maneira, a pretensão da pesquisa é aprofundar as questões e reflexões supracitadas através da observação dos cotidianos das crianças por meio de entrevistas, postagens em redes sociais e fotografias. O aluno L e a aluna S são as principais fontes investigadas e, no caso desta, o fato de estar cumprindo o preceito enquanto estuda enriquece ainda mais o campo.

### **Referências**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Para educar crianças feministas: um manifesto. – 1 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BENISTE, José. Dicionário Yorubá Português. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CAPUTO, Stela Guedes. Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2012

---

<sup>7</sup>CAPUTO, Stela Guedes. Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé. – 1 ed. – Rio de Janeiro : Pallas, 2012.

JAGUN, Márcio de. Ori: a cabeça como divindade. 1 ed. – Rio de Janeiro: Litteris, 2015

\_\_\_\_\_ Yorùbá: Vocabulário temático do candomblé. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Litteris, 2017.